

## AMOR LAUDIS

Ontem passou o solstício do verão. Passou por mim e por todos aqueles que me são contemporâneos. Começou com o seu erguer lento de cabeça, como quem quer — e não sabe outro modo — elevar-se sobre a sua autoridade. O verão toma-se a si mesmo por demasiado importante. Arrasta-nos consigo no seu desejo de majestade e sentimos que nos leva a mendigar aplauso que põem em relevo uma certa excelência. De pele quente e de mãos dispostas a tactearem o corpo; e quando se atinge o outro lado — o solstício oposto — tudo já se entende no passado, como um leve e breve ouvir que estamos longe de crer.

«Não durmas. Porque se adormeces a noite desaparecerá.» Ouvimos, sobre as primeiras horas da noite. Uma toada que segue a luz de todos e as tão escuras sombras individuais. O estudo do verão começa, fazendo apelo ao estudo do mundo, por sobre a noite escassa de horas. Se adormecermos não haverá mais noite. Desaparece com o nosso sono entre os dois crepúsculos.

Tenho por hábito, na tarde do último dia de primavera, seguir pelo caminho sobre o mar que leva de minha casa à povoação mais próxima, S. Bernardino. No regresso corto alcachofras com uma tesoura de poda. Os espinhos ferem-me as mãos, se me perco do cuidado com que devo manusear as folhas verdes e brancas, tormentosas. É o violáceo azul da flor o que me leva a esse passeio. Saúdo o último dia da primavera, as suas últimas horas solares.

O verão sobressai nos quatro meses que percorre e fá-lo com uma certa agitação: quer, sobre as outras estações do ano, receber louvores, tendo-se a si memo por valioso, os seus dias aí estão desse modo presentes aos nossos olhos. Esse simples estar confere-lhe autoridade. Dá ao Verão qualidade e vivência no mundo. Restan-nos, sobre os dias longos e sobre as noites bem mais velozes do que o nosso sono, um infindo canto laudatório, extenso, suave. Que talvez só seja comparável ao voo das aves, aos decantados corpos de Caravaggio, aos movimentos lentos das sinfonias de Beethoven. O verão é assim: lugar para o *amor laudis*.

A sua vida de verão centra-se na plenitude da autoridade sobre os outro três grandes espaçamentos do ano: a primavera como prólogo em seu louvor e o outono é a sua memória; quanto ao inverno, é um simples e triste oposto, que toma existência nos factos da carência e do temor. Outono e inverno seguem velozmente em direcção ao verão, que surge como um fim e do outro lado do engano, que é aquilo com que sempre se reveste a noite sem termo e o dia rapidíssimo do inverno. O verão guarda a amplitude do prazer.

Foi no começo do verão que se moveram pelo lado do amor. Um lado maior mesmo quando se não consegue ir além da mendicidade oferecida por uma estrela cadente. Dizia: «Não desejo ser imperador nem rei, quero somente continuar a viver.»

O outro, lembrando-se da Viena de novecentos, continuava, em eco: «Weder Kaiser noch König...» E, porque lia os vienenses, pensava com estes que era inconcebível uma separação entre a vida e a arte. Seguia os dias desse verão na procura de uma expressão perfeita que se unisse a uma perspicaz capacidade de captar e de reunir o permanente no efémero. O eu e o mundo surgiam-lhe sem qualquer oposição, eram a meta criadora a alcançar.

«Sou artista porque a minha experiência é pictórica.» Dizia, como o jovem Loris o disse, à mesa dos cafés vienenses, enquanto companheiro do cosmopolita von Hofmannsthal. Era um homem gordo, de grande luxúria, que sabia dirigir-se de um modo eficaz na conquista de um efectivo poder nos cruzados caminhos da arte. Estimavam-se e isoladamente iam estabelecendo uma rede de co-

nhcimentos que, entre si, trocavam em comum proveito. Tinham, como diziam, uma estratégia.

Mas tudo já se passou há muitos anos. E na memória tudo se perde. Só me recordo que foi durante o verão. Porque depois a memória (nem percebo porque não a escrevemos com letra maiúscula, como se fosse o nome de um país distante) é uma geografia onde tudo está destruído. Os rostos, os corpos, as acções, as aves, os elos a recordar. Desaparecem, verão atrás de verão, com a velocidade do vento que leva para a nenhuma distância as folhas secas das árvores.

Um e o outro. Eles partiram nesse verão para o território da memória. Deixaram Lisboa, porque em nenhuma rua de Lisboa podiam sequer imaginar o amortecido rolar da carruagem que levava o último dos Habsburgos reinante. Partiram, ao contrário de todos os outros, para o centro da Europa. Abandonaram o Atlântico e a ideia do além Atlântico e diziam, procurando o oriente: «Ex memoria lux.» Eram a significação de toda a necessidade.

Na memória encontraram frio e vento, memo em pleno verão; trevas e dominador silêncio; por fim, calor. Uma temperatura tépida que levava a que reconhecessem, em cada um, inteligência e sensibilidade medianas. Na memória, estavam adormecidos. Mas a memória não tem corpo. É um rosto plano marcado pelos olhos. Argutos e de luminosidade esbatem o que pudesse ter existido de espiritual num e no outro. O país da memória, terreno cercado pelo esquecimento, está coberto de véus, de onde emerge o espalmando rosto. São os olhos o que nele tem imediata configuração. Vão longe, perfurantes, em todas as direcções do passado.

«Moveram-se pelo lado do amor», disse-o quando me aproximei destes dois. Teria sido bem mais exacto se dele tivesse dito que se moveram pelo lado do interesse. Contemplavam um rosto plano, um rosto apaziguado pelos ventos quentes, no qual ao longo dos tempos desapareceu o nariz, a boca, o delineado sorriso. Somente os olhos, luminosos. Não de um límpido azul ou cinza, mas de um amarelo que o nivelamento de todos os traços tornara profundo, ferinte e devorador de tudo e todos.

O contacto físico, a mais leve carícia insinuada por um descer das mãos suspendia-se, como se os corpos estivessem rodeados por

uma carapaça invisível e intransponível. O verão, coberto pelos seus véus, surgia-lhes, depois de nele terem mergulhado e depois de seguirem os seus longos corredores, desprovido de mistério e de possibilidade de qualquer troca. Tudo se resumia aos longos caminhos desertos, calor e poeira e um vento infindo que erguia sacos de plástico e areia. Todavia, eles caminhavam, continuavam a abrir um sulco arrastado nessa escura poeira e chamavam-lhe «estratégia»; e a estratégia cobria-se com a singularidade de um nome, como se designasse «Armando», «Abelardo», «Inácio»... E assim por diante através do extenso mapa dos nomes. Mas doíam-lhes os olhos; todo o corpo lhes doía nos olhos.

— «Se fosse inverno estaria lama onde está agora toda esta poeira.» E o outro, ao fim de algum tempo disse:

— «Às vezes ainda penso, como quando era miúdo, que alguma coisa tem de mudar.»

— «Mas está a mudar. Vamos a caminho de Viena, em busca dos traços que nos irão revelar uma representação.»

— «Schopenhauer não tem nada a ver com Viena. Não passou de um revisionista, de um anti-kanteano primário. Vamos é a caminho do verão, que é bem diferente do deserto da memória do imperador e rei. Viena fica noutra direcção.»

— «Estás sempre a pôr limites ao que posso dizer. E o que digo é aquilo que estou a viver. Tudo começa e termina nesse exacto instante. Vivo e digo os nomes por onde vou passando. Julgas-te um céptico, mas ainda sou mais, a respeito dos nomes que cobrem a poeira do mundo do verão.»

— «Os nomes são no melhor dos casos metáforas do que percebes desta poeira, deste calor, da nossa incapacidade para rompermos os véus do verão até encontrarmos o contorno dos seus lábios, a dureza dos seus dentes. Os perfurantes olhos dizem-nos que é demasiado tarde e que, a cada momento, o verão pode desmorronar-se.»

— «Queres dizer que já não posso ser escultor nem tu podes ser pintor?»

— «Essas são as nossas formas poéticas: um método taquigráfico que nos leva a estabelecer relações entre os dados dos sentidos e o mundo.»

— «A areia e o vento estão a cobrir, a enterrar as sensações que na minha arte expressam o real.»

— «O real, a realidade são um nome que só existe enquanto o estou a dizer. E posso dizê-lo e dar-lhe existência por de cima do verão.»

— «Por de cima do verão é o outono, um verão delapidado.»

— «Cala-te. O imperador está a morrer. O mais metafísico dos homens, o mais humano dos homens está a morrer. Morre em todos os verões.»

— «O verão mata o mais viril imperador.»

Coisa alguma excita o corpo embaciado do verão. O verão é um corpo sem desejo. Há algum tempo ainda havia nos campos as ceifas e as vindimas, um espasmo último e demorado que se lançava sobre o início do outono. Mas o verão é agora um corpo que tem sede e que tem peso e humidade e viscosidade em excesso. O verão tem agora esse rosto aplanado, território coberto pelos véus de uma castidade é um corpo imenso atravessado sobre os continentes e os mares. Os rios são o seu escuro e espesso suor. Entre os sucessivos véus, uma multidão andrajosa.

Cada mendigo do verão louva essa espécie de catástrofe escatológica que representa o calor e cada um deles é um espectro desse calor infindo. Um e o outro seguiam pelo meio dessas figuras de andrajos. Pareciam embalar nos braços uma criança a que quisessem dar mais sono, mais sonhos profundos. Mas era uma criança morta, que logo se desfez suavemente em luz. Fôra depositada nos seu braços pelos mendigos do verão.

— «Antes do verão íamos pelas ruas da cidade e podíamos ver o interior das casas, como se a todos os prédios do lado direito da rua, por exemplo, tivesse caído a parede de um andar. Víamos as salas, os quartos, as cozinhas, os móveis, o que tinham nas paredes interiores, as luzes. Víamos as pessoas e o que faziam nesse exacto momento, todas, em conjunto. Aqui, um homem preparava-se para se deitar, ali uma mulher lia um livro, mais além uma família ainda estava à mesa do jantar, mais além ainda dois homens falavam em voz alta um com o outro. Todas essas imagens quotidianas, toma-